

CADERNO

Fé e Cultura

Edição 02
24 de agosto de 2022



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na Internet, com mais artigos e links citados.

O SÃO PAULO



NÚCLEO
FÉ E
CULTURA
Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo



Edith Stein, brisa de humanidade arejando uma razão reduzida e sufocante

Atualmente, na cidade de São Paulo, nenhuma personalidade intelectual católica está tão presente nas reflexões acadêmicas e na espiritualidade de grupos e movimentos como Edith Stein (Santa Teresa Benedita da Cruz, 12 de outubro de 1891 – 9 de agosto de 1942), filósofa e monja carmelita, santa católica de origem judia, morta num campo de concentração nazista, mártir da Igreja. Sua influência é cada vez mais sentida, tanto pela riqueza de seu pensamento quanto pela profundidade de sua fé e o testemunho de sua vida.

O mundo universitário está repleto de pensadores brilhantes, com vidas decepcionantes, a militância social e política frequentemente nos brinda com vidas exemplares, mas com ideias sofríveis – não são muito comuns os casos de personalidades que combinam pensamentos brilhantes com vidas exemplares. Os intelectuais que foram canonizados, como Edith Stein, quase sempre nos dão justamente um exemplo dessa síntese em que tanto a vida quanto o pensamento nos fascinam.

Edith Stein viveu num período marcado tanto pelo êxito quanto pela tragédia tanto do racionalismo quanto do empirismo modernos. Com o avanço da ciência, a razão humana e o método experimental haviam conseguido seus maiores feitos em toda a história da humanidade. Mas, ao mesmo tempo, nunca antes a guerra e a morte haviam sido tão cientificamente calculadas. A razão e a ciência pareciam cada vez mais demonstrar que o ser humano era um feixe de instintos socialmente condicionado. A racionalidade científica, ao mostrar toda a sua força, exibiu também seu grande limite. Max Weber (1864-1920), no clássico *A ciência*

como vocação, de 1919, já citava Tolstói: “A ciência carece de sentido, pois não tem resposta alguma para a única questão que nos interessa: que devemos fazer? como devemos viver?”

O desencanto com a ciência e a racionalidade modernas já se desenhara no século XIX, particularmente com o movimento romântico, e continuou ao longo de todo o século XX e XXI. Transparece nos movimentos contraculturais, no interesse pela “inteligência emocional”, nos questionamentos ao próprio discernimento racional da realidade. A razão, cada vez mais, não era vista como janela aberta que permitia o acesso ao real, mas, sim, como quarto fechado e abafado, em que a própria realidade e a consciência humana eram presas e sufocadas pelo ar saturado de uma lógica formalista e insensível.

O pensamento cristão frequentemente se tornou também ele vítima dessa razão sufocante, na verdade uma pálida redução da verdadeira Razão que move o cosmo. A normatividade e os princípios cristalizados, não importa se justos ou injustos, pareciam não transmitir aquela riqueza de compreensão e afeto pela qual todo coração humano anseia. Nesse contexto, para muitos, Edith Stein vem sendo uma brisa de humanidade a refrescar o quatinho abafado em que a razão parecia estar confinada.

A Fenomenologia, linha filosófica à qual aderiu, já representa uma das mais importantes tentativas modernas de superação dos limites de uma razão redutiva, que não se encontra mais com a realidade mesma, pois só consegue ver simulacros do real construídos intelectualmente. Mas, seria a própria

Fenomenologia capaz de descobrir o Amor que, simultaneamente, se revela e se oculta tanto na grandeza do cosmo quanto na banalidade do cotidiano? A graça do encontro, o discipulado espiritual que ultrapassa a barreira do tempo e aproxima as duas Teresas, aquela que viveu em Ávila no século XVI e aquela martirizada numa câmara de gás no século XX, foram fundamentais para que a Filosofia vencesse seus limites e a mística revelasse a verdade que se esconde no real.

Essa é a grandiosidade que Edith Stein, Santa Teresa Benedita da Cruz, irradia para tantos que a têm seguido, como pensadora e como santa. Nesse *Caderno Fé e Cultura*, a filósofa Maria Cecília I. Parise, a psicóloga Sonia Maria B. A. Parente e a pedagoga Magna Celi M. da Rocha escrevem sobre o impacto do encontro com Edith Stein em suas vidas e em sua atividade profissional, enquanto Marcelo C. de Araújo comenta a experiência de conversão da Santa.

Mas grandes mestres precisam de grandes discípulos para serem reconhecidos. Edith Stein não teria se tornando tão importante em São Paulo e no Brasil sem a contribuição da Prof^a. Angela Alles Bello, da Pontifícia Universidade Lateranense, de Roma, e da Irmã Jacinta Turolo Garcia, do Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus (IASCJ). Ambas circularam por mais de 20 anos pelas universidades brasileiras, difundindo a obra de Edith Stein e orientando acadêmicos que se interessavam pelo pensamento filosófico da Santa. Com gratidão, o Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP dedica a elas a edição deste pequeno Caderno.

Como Edith Stein transformou minha visão de mundo

Maria Cecília Isatto Parise*

Nasci em 1963, em uma família tradicional católica, em Porto Alegre (RS) em pleno Concílio Vaticano II. Em minha terra, um estado de fronteira, terra de Rodrigo Cambará e Ana Terra, a mensagem do Concílio foi interpretada “a ferro e fogo”, se reduzindo a aspectos sociopolíticos que culminavam na luta armada. Isso me afastou da Igreja, com a idade de 21 anos. Como não conseguia pensar Deus sem Cristo, tampouco Cristo sem a Igreja, decidi tornar-me agnóstica: “Deus é apenas uma criação da sociedade”. Ingressei na faculdade de Filosofia da UFRGS e fui buscar no estudo da natureza humana e da política respostas para as minhas inquietações.

Como não podia ser diferente, depois de seis anos, em um doutoramento em curso em Paris I, Sorbonne, percebi que a única possibilidade de se pensar o ser humano como essencialmente diferente dos outros seres vivos – como um ser livre –, era pressupor um princípio transcendente, fora dele: Deus. Problemas pessoais não me permitiram finalizar o doutorado. Traduzi a tese e tentei defendê-la aqui no Brasil,

Há um corpo de verdades acessíveis à razão natural. Ela, porém, sozinha, já não basta para delimitar o seu próprio alcance, fazendo-se necessário o auxílio da razão sobrenatural [...] uma compreensão racional do mundo, a saber, uma metafísica – e nisso reside, secreta ou abertamente, a intenção de toda Filosofia – só pode ser adquirida pela ação conjunta da razão natural e sobrenatural (STEIN, Edith. “O que é Filosofia? Uma conversa entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino” [in] Textos sobre Husserl e Tomás. São Paulo: Paulus, 2019).

Pode-se compreender [uma visão de mundo] como uma imagem geral sobre tudo o que há, os ordenamentos e as conexões nas quais tudo se insere, sobretudo o posicionamento do ser humano no mundo, sua proveniência, seu destino (STEIN, Edith. “A Fenomenologia e seu significado de visão de mundo” [in] Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino. São Paulo: Paulus, 2019)

mas também não deu certo. Depois de algumas tentativas frustradas, decidi deixar de investir na carreira filosófica...

Deus estava me guiando pela mão, mas eu não via isso e sofria muito.

Abriu-se uma outra porta, por onde pude canalizar a minha sede de respostas a perguntas essenciais: De onde vim? Para onde vou? Quem sou eu? Fiz um cur-

so de espiritualidade carmelitana, por três anos, coordenado pelo Frei Patrício Sciadini. Ao conhecer os santos do Carmelo – João da Cruz, Teresa de Jesus, Terezinha, Edith Stein – cheguei à conclusão que a Filosofia tinha sido, em minha vida, apenas “ vaidade das vaidades”.

Contudo, sentia-me cindida, dividida entre o que tinha estudado com tanto afinco por meio

da razão e o que tinha recebido, gratuitamente, pela fé. Foi aí que conheci Edith Stein como filósofa. Foi no Congresso do Carmelo Descalço Secular, em São Roque (SP), em novembro de 2002, na conferência da Irmã Jacinta Turolo Garcia, doutora em Stein. Naquele momento eu escolhi Edith como minha “mestra para a vida”, pois via nela a união daquilo que era precioso para mim: a fé e a razão, ambas dons de Deus. Tudo que eu tinha aprendido pela Filosofia, mas deixado represado na intelectualidade da mente, conseguia agora descer ao coração, tornar-se vida e vivência. E foi assim que eu adquiri, ao longo destes 20 anos, uma nova visão de mundo, integrada e integradora, sem a necessidade de dar respostas definitivas e cabais para todas as coisas, sem medo de encontrar-se com o mistério, Jesus Cristo.

Santa Edith Stein, rogai por nós!

* Filósofa, com mestrado em Filosofia em História da Filosofia pela Université Paris 1 Pantheon-Sorbonne, membro do GT “Edith Stein e o Círculo de Gotinga” (ANPOF) e do Grupo de Pesquisa “O pensamento de Edith Stein” (UNIFESP).

Edith Stein: algumas contribuições para a Psicologia Clínica

Sonia Maria B. A. Parente*

Esta é uma breve apresentação de como algumas contribuições de Edith Stein estão presentes na minha experiência como psicoterapeuta de orientação winnicottiana. Nessa caminhada, tenho percebido que a atitude desenvolvida com base na noção de empatia, de Stein, permite acompanhar a pessoa para que possa ir se apropriando de suas experiências, refletindo sobre elas, ampliando o conhecimento e a consciência de si, levando a uma integração do seu sentir, pensar, conhecer e agir.

Para Edith Stein, a tomada de consciência de si nos abre ao conhecimento de si. Nesse sentido, a terapia é uma experiência na qual acontece o desvelamento do que “está inicialmente escondido na interioridade” da pessoa.

É possível observar que, no início de um processo terapêutico, a maioria das pessoas tem pouco conhecimento e consciência de si, sendo difícil para elas tomar decisões, fazer escolhas, assumir e manter posicionamentos na vida. Sua tendência é se colocar como sujeito passivo, produto da sua história, justificando suas dificuldades em função de situações vividas.

Que o ser humano possui uma dupla experiência de si mesmo, uma interna e outra externa, e que ambas se resumem em uma experiência unitária que engloba as duas, é algo que pertence à essência do ser humano mesmo (STEIN, Edith. La estructura de la persona humana. Madri: Biblioteca de Autores Cristãos, 2002).

Ser pessoa significa ser livre e espiritual. Que o homem é uma pessoa: é isso que o distingue de todos os seres da natureza (STEIN, Edith. La estructura de la persona humana. Madri: Biblioteca de Autores Cristãos, 2002).

Só quem vivencia a si mesmo como pessoa, como totalidade de sentido, pode compreender as outras pessoas (STEIN, Edith. Sobre el problema de la empatía. Editorial Monte Carmelo, Ediciones El Carmen, 2005).

Como a experiência do valor é a base do próprio valor, com os novos valores obtidos por empatia, o olhar se abre para valores desconhecidos na própria pessoa (STEIN, Edith. Sobre el problema de la empatía. Editorial Monte Carmelo, Ediciones El Carmen, 2005).

A cada passo, a cada decisão, a cada escolha que uma pessoa faz vai dando uma direção à sua vida. Nesse momento, é preciso respeitar o tempo, o ritmo e as escolhas do paciente, reconhecendo e legitimando sua singularidade. Nosso bem mais profundo é a liberdade.

Segundo Stein, somos seres

dotados de corpo, alma (psíquico) e espírito (dimensão dos valores). Dependemos do outro e da nossa comunidade para progredir e desenvolver nossas potencialidades. Só assim podemos, cada vez mais, nos tornar aquilo que devemos/podemos ser e realizar a nossa vocação. O caminho do ser humano é se

aproximar do núcleo sempre nascente que habita sua interioridade.

Ao procurar captar a essência específica do ser humano, Stein o reconhece como uma pessoa espiritual capaz de sair de si pelo sentir, querer e conhecer em direção ao mais além, à transcendência. Cabe ao terapeuta oferecer um espaço/tempo para que aconteça o desvelamento da marca única, pessoal e intransferível que cada um de nós traz impressa na alma.

A pessoa, com suas escolhas, pode ou não caminhar em direção à realização de si mesma tornando-se cada vez mais o que de fato é, exercitando a liberdade e a coragem do Ser. Por isso, Stein afirma que o ser humano participa do seu processo, podendo definir sua formação e direcionar sua vida. Isso permite o fortalecimento das dimensões: da vontade, da compreensão e da memória que abrem caminho para o desenvolvimento espiritual.

* Doutora e Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente atende em consultório e coordena os Seminários Investigativos sobre o pensamento de Edith Stein, vinculado ao Laboratório PROSOPON do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP).

Edith Stein e a Educação

Magna Celi Mendes
da Rocha

A questão educativa perpassou grande parte da vida e da obra de Edith Stein, embora seja um aspecto ainda pouco explorado e conhecido no conjunto de sua produção. Defendia uma reforma no sistema educacional alemão, que considerava em crise havia décadas, por estar fortemente marcado pelos ideais iluministas, que davam uma ênfase excessiva a um “saber enciclopédico”. Pressupunha-se que a alma não passava de uma tábua rasa em que deveria ser gravado o máximo, seja pela assimilação racional, seja pela memorização. Stein acreditava que mais valia educar a inteligência e a vontade para que as pessoas pudessem apropriar-se de qualquer matéria que viesse a ser importante para elas.

A autora ressalta a necessidade de que o conhecimento capte a individualidade das pessoas, pois não se deveria educar para a mesma finalidade, segundo um esquema geral, sem dar espaço para as especificidades. Compreendia, ainda, que o espírito humano está direcionado à criação, à compreensão e ao gozo da cultura.

Qual é a grande enfermidade de nosso tempo e de nosso povo? Na grande maioria das pessoas é a desintegração interna, a falta total de convicções e princípios firmes, à deriva sem direção e, por causa da insatisfação com esse tipo de existência, a busca de entorpecimento em novos prazeres cada vez mais sofisticados [...] O remédio contra a doença de nosso tempo são seres humanos plenos [...] fincados no chão da eternidade não se deixam abalar em suas convicções e em seu agir por opiniões, asneiras e vícios da moda que grassam à sua volta (STEIN, Edith. A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça. Bauru: EDUSC, 1999).

O verdadeiro educador é Deus, o único que conhece cada homem singular em profundidade, que tem diante dos olhos o fim de cada um e sabe de quais meios tem necessidade para conduzi-lo ao fim. Os educadores humanos são instrumentos nas mãos de Deus (STEIN, Edith. La estructura de la persona humana. Madri: Biblioteca de Autores Cristãos, 2002).

Ele não é capaz de desenvolver-se plenamente se não tiver contato com a diversidade dos campos da cultura, e o indivíduo não poderá alcançar a meta de sua vocação se não chegar a conhecer o campo que lhe é indicado por seu talento natural. Entendia formação como preparação do ser humano para ser aquilo que deve ser, em um processo que abrange o corpo, a alma (psique) o espírito com todas as suas forças.

Após sua conversão ao catolicismo, Edith Stein realiza uma síntese muito interessante entre a destinação natural

e sobrenatural do ser humano, com repercussões muito concretas em seu modo de conceber a educação. Recoloca a dimensão religiosa no centro da questão, de uma forma elegante e inteligente. Em seus escritos, Pedagogia, Antropologia filosófica e teológica dialogam com fluidez e sem cisões, pois entendia que seria necessário formar a interioridade, visando ao desenvolvimento da individualidade, num processo que acontece de dentro para fora, como atualização das potencialidades já existentes na pessoa.

Deus é apresentado por Edith

Stein como o educador por excelência, por ser o único a conhecer o ser humano em profundidade e a ter diante dos olhos o fim de cada um e os meios necessários para concretizá-lo. Os educadores humanos, se tiverem abertura e disponibilidade para prestar atenção em Seus sinais e segui-los, podem ser instrumentos eficazes nas mãos de Deus para ajudar outros a descobrirem o seu caminho, realizarem a sua obra.

Para Edith Stein, todo ser humano traz em si uma marca de eternidade e anseia por ela. Uma educação que vise apenas ao imediato, o terreno, o provisório, não corresponde ao desejo mais profundo dos seres humanos; não contribui para que cada um realize seu próprio caminho, sua própria via, contribuindo para o bem comum; ao contrário, busca uma padronização, ou uma competitividade, na qual os seres humanos não se reconhecem mais como irmãos, como vindo de uma raiz comum.

* Doutora e Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Assessora da Pastoral Universitária da PUC-SP e Professora convidada da Faculdade de Teologia (PUC-SP) nos cursos de Extensão em Ensino Religioso e O Papel da espiritualidade no pensamento de Edith Stein. Trabalha no Centro Universitário Italo Brasileiro.

O encontro com a verdade: conversão de Edith Stein

Marcelo Cabral de Araújo*

Conciliar a ideia de Deus com o paradigma da razão foi a contribuição marcante do pensamento de Edith Stein (1891-1942), delineado pela originalidade e pela vanguarda dentro de um período histórico marcado pelo desenvolvimento e aprimoramento das ciências modernas, mas conturbado por duas guerras mundiais.

Nascida em Breslávia, no Império Alemão, Edith Stein era a caçula entre 11 filhos de uma família judaica de origem polonesa. Seu pai faleceu quando tinha 2 anos de idade e sua mãe, uma pessoa fortemente religiosa, foi marcante em sua vida. Contudo, aos 13 anos, por decisão própria perdeu o hábito de rezar e até aos 20 anos se declarava atea.

Podemos nos perguntar como uma estudante de Filosofia, de origem judaica, declaradamente atea, pôde converter-se e devotar-se totalmente ao catolicismo? Ora, sem sombra de dúvida, a conversão de Edith Stein é a conclusão do desenvolvimento de todo um pen-

Quem busca a verdade, busca Deus, quer o saiba ou não (Edith STEIN, em carta a uma monja beneditina).

samento e de uma Filosofia engendrada a partir da vivência relacional e do entendimento da natureza humana, tornado vivência prática na doação de si e na consagração religiosa.

Ao longo de seus estudos e pesquisas, Stein fez algumas amizades que marcariam decisivamente sua vida. Uma delas foi com a filósofa Hedwige Conrad-Martius (1888-1966). Foi por meio dela que conheceu a obra de Teresa D'Ávila, especificamente *O Livro da Vida*. Atribui-se à leitura desse livro, em uma noite, como sendo o marco decisivo de sua conversão para o catolicismo. Ora, sem dúvida alguma, esse foi um marco importante, porém, sua fé e espiritualidade são construídas ao longo de sua formação intelectual, e a Filosofia, especialmente a Fenomenologia, de certo contribui de forma significativa para sua adesão e conversão ao Cristianismo.

Stein foi cristalizando sua espiritualidade também por meio de outras

pessoas próximas, como seu orientador Edmund Husserl (1859-1938), considerado o criador da Fenomenologia, escola de Filosofia que busca o retorno aos fenômenos, como possibilidade de conhecimento do real em si mesmo. Um detalhe interessante é que tanto Husserl quanto Conrad-Martius eram protestantes, enquanto Edith se aproximou do Cristianismo via Igreja Católica Apostólica Romana. Provavelmente a influência da leitura do livro de Teresa D'Ávila, com toda a espiritualidade, reflexão e simplicidade preconizada pela Santa em sua obra e biografia, trouxe Stein para comungar da religião romana.

Ela encontrou no catolicismo, em seu universo e nos elementos que o compõe, como a Eucaristia, uma fonte para seu desenvolvimento espiritual. Assumiu de forma integral o catolicismo em sua vida, sentindo-se inclinada por sua espiritualidade a desenvolver a fé de forma conventual. Assim, deci-

diu seguir os passos de Teresa D'Ávila, mãe do Carmelo Reformado e se tornar “noiva de Cristo”. Ingressa no Carmelo Descalço da Alemanha, vive em convento e tem a autorização para prosseguir com seus estudos de Filosofia, porém, praticando e exercendo toda sua fé no âmbito da disciplina seguida pelas carmelitas. Seu nome passou a ser Irmã Teresa Benedita da Cruz, em referência a Santa Teresa D'Ávila. Benedita indicava sua relação especial com São Bento; já Cruz, referia-se ao pai do Carmelo reformado, João da Cruz.

Em 1987, foi beatificada por São João Paulo II em Colônia. No dia 11 de outubro de 1998, foi canonizada pelo mesmo, sob o nome de Santa Teresa Benedita da Cruz. Em 1999, na Carta Apostólica em forma de “Motu Proprio” *Spes aedificandi*, foi proclamada, juntamente com Santa Brígida da Suécia e Santa Catarina de Siena, copadroeira da Europa. A sua celebração litúrgica na Igreja Católica é dia 9 de agosto.

* Professor de Sociologia, com mestrado e doutorado em andamento em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).



Conferência Internacional:
Formação Integral da pessoa humana a partir da perspectiva de Teresa D'Ávila e Edith Stein

Veja em https://bit.ly/edith_stein

Coordenadoria da Pastoral Universitária - PUC-SP
Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP



Prof. Dr. Francisco Javier Sancho Fermin, OCD (Espanha)

Meditação para a Festa da Exaltação da Santa Cruz: *Ave Crux, Spes Unica!*

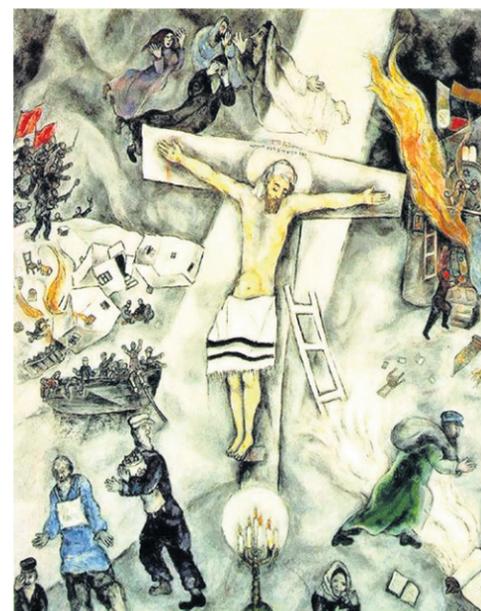
Redação

“Ave, Cruz, nossa única esperança!” (*Ave Crux, Spes Unica!*) – foi isso que a Santa Igreja nos convocou a exclamar durante o tempo de contemplação do sofrimento amargo de Nosso Senhor Jesus Cristo. A exclamação jubilosa do Aleluia da Páscoa silenciou o sério cântico da cruz. O sinal da nossa salvação saudou-nos no meio do tempo da alegria pascal, pois recorda-nos a descoberta d’Aquele que não é mais visível. [...]

O Crucificado olha-nos de cima da cruz e pergunta-nos se ainda estamos dispostos a honrar o que prometemos numa hora de graça. E Ele certamente tem razões para perguntar. Mais do que nunca, a cruz é um sinal de contradição [...]. O Salvador olha hoje para nós, sondando-nos solenemente, e pergunta a cada um de nós: permaneceréis fiéis ao Crucificado? Considerai atentamente! O mundo está em chamas, a batalha entre Cristo e o Anticristo entrou em campo aberto. Se decidirem por Cristo, poderão custar-vos a vida [...]

Antes de vós, o Salvador está pendurado na cruz porque Ele se tornou obediente até o ponto da morte na cruz. Ele veio ao mundo não para fazer a Sua própria vontade, mas a vontade de seu Pai. Se pretendes ser a noiva do Crucificado, também vós deveis renunciar completamente à vossa própria vontade e não ter mais nenhum desejo a não ser o de cumprir a vontade de Deus. Ele fala-vos na Santa Regra e nas Constituições da Ordem. Ele fala-vos por meio da

Edith Stein, já freira Carmelita Descalça, realizou essa meditação para suas irmãs de Ordem na Festa da Exaltação da Cruz, em 14 de setembro de 1939, logo após a invasão da Polônia pelos nazistas, início da Segunda Grande Guerra. A imagem que ilustra o texto é um quadro do pintor judeu Marc Chagall (1887-1985) e mostra Jesus crucificado, utilizando um talit, espécie de xale hebraico usado pelos homens durante a oração, e tendo ao fundo cenas da perseguição aos judeus durante o período nazista.



Marc CHAGALL, Crucificação branca - Fonte Flickr

boca dos vossos superiores. Ele fala-vos pelo suave sopro do Espírito Santo no fundo do vosso coração. Para permanecerdes fiéis ao vosso voto de obediência, deveis ouvir esta voz dia e noite e seguir as suas ordens. Contudo, isso significa crucificar diariamente e de hora em hora a nossa vontade e amor-próprio.

O Salvador, antes de vós, teve seu coração trespassado. Ele derramou o sangue do Seu coração para conquistar o teu coração. Se queres segui-lo na santa pureza, o teu coração deve estar livre de qualquer desejo terreno. Jesus, o Crucificado, deve ser o único objeto dos teus anseios, dos teus desejos, dos teus pensamentos.

Estás agora alarmado com a imensidão do que os votos sagrados exigem de ti? Não precisais ficar alarmados. O que vos prometestes está de fato para além da vossa própria fraqueza, do vosso poder humano. Mas não está para além do poder do Todo-Poderoso – este poder tornar-se-á vosso se vos confiardes a Ele, se Ele aceitar o vosso penhor de fidelidade. Ele fá-lo-á no dia da tua santa profissão e fá-lo-á de novo hoje.

É o coração amoroso do teu Salvador que te convida a segui-irmã Exige a tua obediência, porque a vontade humana é cega e fraca. Não pode encontrar o caminho até se render inteiramente à vontade divina. Exige a pobreza, porque as mãos devem estar vazias dos bens da terra para receber os bens do céu. Exige castidade, porque só o coração desprendido de todo o amor terreno é livre por amor a Deus. Os braços do Crucificado são estendidos para o atrair ao seu coração. Ele quer a sua vida para lhe dar a sua.

Ave Crux, Spes Unica!

O mundo está em chamas. A conflagração pode também chegar à nossa casa. Mas, acima de todas as chamas, a cruz está no alto. Eles não podem consumi-la. É o caminho da terra para o céu. Ele elevará quem o abraça com fé, amor e esperança, para o seio da Trindade. O mundo está em chamas. És impelido a apagá-las? Olhai para a cruz.

(Fonte: STEIN, Edith. Geistliche Texte II. Gesamtausgabe, Band 20. Tradução de Gabriel de Vitto)

A paradoxal bênção do martírio

Gabriel de Vitto*

Com o crescimento dos estudos sobre Edith Stein, muito se fala sobre sua Filosofia, sua relação com Edmund Husserl e São Tomás de Aquino, ou, do ponto de vista mais biográfico, de sua origem judaica e da prematura morte em um campo de concentração nazista; contudo, em meio ao “tsunâmi de informações” que toma a atenção dos interessados em Stein, dá-se, muitas vezes, pouca atenção à sua vida interior. O livro *Edith Stein: a abençoada pela cruz*, de Elisabeth Kawa, publicado pela Editora Quadrante, supre essa carência.

A autora, ainda na introdução, mostra a sensibilidade espiritual que regerá as páginas restantes, ao indicar que Santa Teresa Benedita da Cruz (nome adotado por Edith Stein ao entrar no Carmelo), com seu martírio, realiza o sonho

Em nossos tempos atuais, o martírio parece apenas um sofrimento ao qual nenhum ser humano deveria ser submetido. Contudo, é a via mais extremada do seguimento e da entrega de si a Cristo. Como poderia uma filósofa contemporânea descobrir na cruz o sentido último de sua vida, o amor apaixonado buscado por todos os seres humanos?

de Santa Teresa d’Ávila e de Rodrigo, seu irmão. Ambos, quando crianças, fugiram de casa com pretensão de entregar sua vida ao martírio, pelas mãos dos mouros; dizia a pequena de Ávila: “Pense bem, Rodrigo: para sempre! Os mártires contemplam a Deus para sempre! Precisamos ser mártires”.

Em certo sentido, como mostra a autora ao longo das páginas do livro, Teresa da Cruz entregou-se voluntária e amorosamente ao martírio, a fim de

“contemplar a Deus para sempre”. Ao mesmo tempo, Irmã Benedita, como era chamada entre suas companheiras de Ordem, nutria um profundo sentido de expiação e sacrifício. Tal como Cristo, morria pelo seu povo. Diz-se que, no momento em que foi capturada pelos oficiais da S.S., disse à Rosa, sua irmã de sangue: “Vem, vamos, pelo nosso povo”.

A pequena biografia de Elisabeth Kawa cumpre bem o papel de introduzir o leitor no enredo da vida de Edith



KAWA, Elisabeth. *Edith Stein: a abençoada pela cruz.* São Paulo: Quadrante, 2017.

Stein, mas, sobretudo, realiza um agudo painel de sua espiritualidade, profundamente ligada à cruz, à expiação e ao abandono de si. “*Ave, Crux, Spes Unica!*”, repetia a Santa. Com a autora, podemos dizer que Stein amou de tal modo a Cruz que, de fato, fez dela sua vida – e talvez esse aspecto deva ser a chave interpretativa para as outras muitas facetas desta grande Santa.

* Mestrando em Filosofia pela PUC-SP, professor, tradutor e editor. Mantém a Editora A Outra Via, voltada à promoção da tradição intelectual cristã.

Este Caderno Fé e Cultura foi editado com o apoio da equipe do site

Edith Stein

Estudos integradores da pessoa humana

Artigos / Livros
Cursos / Eventos

<https://edithstein.com.br/>